

TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS GEOGRÁFICAS NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO HUMANA NA COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS/RS

GEOGRAPHICAL TRANSFORMATIONS AND PERMANENCIES IN THE PROCESS OF HUMAN OCCUPATION AT COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS/RS

Gustavo Maciel Gonçalves¹

Ana Paula Neto de Faria²

RESUMO

Na trajetória histórica de ocupação do espaço geográfico, alguns elementos permanecem e se acumulam no território e na paisagem, enquanto outros sofrem transformações ou desaparecem. Esse fenômeno condiciona a evolução histórica dos grupos sociais e pode ser compreendido a partir da análise de diferentes períodos históricos. Este artigo apresenta um estudo e informações sobre fenômenos histórico-geográficos relacionados à Colônia de Pescadores Z3, uma vila de pescadores de Pelotas/RS, buscando dar visibilidade à sua história geográfica e cultural. Os principais procedimentos adotados foram: a) consulta à outros trabalhos que tratam do local; b) mapeamentos e levantamentos fotográficos do território e da paisagem local em diferentes períodos temporais e c) análise e interpretação dos mapeamentos, levantamentos e fotografias. Apresentam-se como resultados alguns aspectos vinculados à trajetória de ocupação do território e de produção da identidade estética e cultural da comunidade pautadas por seus condicionantes ambientais, sociopolíticos e econômicos: a) a origem e a trajetória de ocupação do território por diferentes grupos; b) as características do local e as limitações territoriais impostas por fatores ambientais, c) sociopolíticos e d) socioeconômicos; e as considerações sobre e) a evolução das formas urbanas da localidade, e sobre f) o seu ambiente cultural. Ao fim, são feitas considerações gerais sobre o trabalho, buscando-se problematizar de forma crítica a situação na qual se encontra a comunidade atualmente.

Palavras-chave: Ocupação Territorial. Geografia Histórica. Ambiente Cultural. Colônia de Pescadores Z3.

1 Arquiteto urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb/UFPel). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS).

2 Arquiteta urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Mestre e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

ABSTRACT

In the historical trajectory of the geographic space occupation, some elements remain and accumulate in the territory and landscape while others transform or disappear. This phenomenon conditions the historical evolution of the social groups and can be understood through the analysis of different historical periods. This paper presents a study and compiles information about historical and geographical phenomena related to Colônia de Pescadores Z3, a fishing village in Pelotas/RS, in order to give visibility to its geographical and cultural history. The main procedures adopted were: a) consultation of other papers that treat about the locality; b) mappings and photographic survey from different periods and c) analysis and interpretation of the mappings and photography. The results presented are related to the trajectory of territory occupation and the production of the cultural and aesthetical identity. These factors are seen through the local environmental, sociopolitical and economic conditioners: a) origin and trajectory of territory occupation by different groups; b) features and territory limitations imposed by environmental, c) sociopolitical and d) socioeconomic factors; and considerations about e) the local urban form evolution; and about f) the local cultural environment. At the end, general considerations about the paper are made, in order to problematize in a critical way the situation that the community happens to face nowadays.

Keywords: Territory Occupation. Historical Geography. Cultural Environment. Colônia de Pescadores Z3.

INTRODUÇÃO

A conexão entre estudos geográficos e históricos é bastante reconhecida na literatura no que toca as tentativas de compreensão das dinâmicas urbanas de ocupação do território e de produção de identidades estéticas e culturais sobre a paisagem. É bastante reconhecido por diversos autores que o espaço geográfico é multidimensional, no sentido de que é produzido historicamente pelas características ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais de cada sociedade. O espaço pode ser posto como um subproduto do tempo (SANTOS, 1986, p. 32) onde a sedimentação de ações despendidas em diferentes momentos históricos moldam o espaço-território e a paisagem (*ibid.*, p. 31).

Para Raffestin (1993, p. 152-153), o território é estabelecido através de uma relação de poder e posse de um indivíduo ou grupo sobre um espaço e é delimitado e, portanto, determinado, por uma fronteira visível ou invisível. Essa fronteira, que em certos casos pode se configurar como um limite intransponível, é organizada por algum tipo de vínculo do indivíduo ou do grupo com o espaço, podendo essa vinculação ser de cunho social, econômico, político ou cultural (RAFFESTIN, 1993 p. 152). Ao fixar-se na essência política do conceito de território, Souza (2000) propõe que existiria uma imbricação deste com as noções de autonomia (*ibid.*, p. 80) e de desenvolvimento (*ibid.*, p. 100). Daí, o autor faz a pressuposição de que um

mesmo espaço pode ser territorializado por diferentes grupos em diferentes momentos (*ibid.*, p. 94), a depender das modalidades de poder exercidas sobre o espaço geográfico e a concepção de desenvolvimento preconizada na relação de poder (SOUZA, 2000, p. 100-101).

A noção de paisagem, por sua vez, estaria mais voltada para um conjunto de formas que, em determinado momento, demonstram as heranças correspondentes às sucessivas relações entre o humano e a natureza (SANTOS, 2006, p. 66). Portanto, a paisagem é muito vinculada aos aspectos estéticos que são produzidos pela ocupação humana do espaço geográfico, normalmente moldados pela cultura e pela visão de mundo dos grupos sociais (TUAN, 1980, p. 91). Para Claval (1999, p. 63), a cultura é a totalidade de comportamentos, atitudes e preferências ambientais, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados e transmitidos de uma geração a outra. Portanto, o ambiente cultural tem a ver com os aspectos relacionados à humanização da paisagem que não são meramente físicos, mas que são carregados de significação histórica e cultural, de simbolismos e de identidades.

Parte dos estudos conduzidos neste trabalho se alinha com uma das formas de estudar a dinâmica urbana, o território e a paisagem, que é pelo viés da Geografia Histórica³. As visões que vinculam essa área ao fenômeno urbano priorizam uma compreensão baseada na contextualização de aspectos históricos desde as transformações e permanências inerentes ao processo de evolução das formas urbanas (NETTO *et al.*, 2014, p. 32).

As noções destacadas apontam que, no processo de apropriação humana do espaço, as trajetórias da natureza e as trajetórias humanas moldam os padrões socioespaciais da ocupação do território e definem social e culturalmente a produção do espaço-lugar e da paisagem. Ao admitir-se a relação entre espaço e tempo, pressupõe-se que é possível identificar, observar e analisar aspectos dinâmicos do território e da paisagem a partir das transformações e permanências que neles se sedimentam. Cada permanência pode ser interpretada como o resultado de um processo, o qual acontece, por um lado, de forma espontânea, informal e pacífica, ou, por outro lado, formal, imposta, ou conflituosa. Ainda que tal processo seja inerente ao passado, ele resulta na demarcação dos limites espaço-temporais do território e na fisionomia da paisagem do presente, predispondo a evolução urbana histórica para um caminho futuro.

A partir dos entendimentos supramencionados, foram produzidas e compiladas informações acerca da história geográfica da Colô-

3 A escola inglesa de Morfologia Urbana, que tem como precursor o geógrafo M. R. G. Conzen (1907-2000), é pioneira nessa área de estudos.

nia de Pescadores Z3, Pelotas/RS, uma vila de pescadores situada às margens da Laguna dos Patos. O trabalho se baseia no objetivo de visibilizar a história geográfica local, associando-a a aspectos ambientais, políticos, econômicos, sociais e culturais.

1 Origem e trajetória de ocupação por diferentes grupos no “Arroio Sujo”

Na pesquisa realizada por Anjos *et al.* (2004a, p. 21-22; 2004b, p. 11), aponta-se que a atividade pesqueira junto ao estuário e à costa interna da Laguna dos Patos teria seus primeiros registros em meados do século XIX, quando os pescadores nativos detinham a posse e o controle de todas as etapas da produção⁴. Na segunda metade do mesmo século, a atividade pesqueira viria a ser marcada pela influência portuguesa, tanto no sistema de técnicas e práticas quanto em aspectos socioculturais: “Com a vinda dos pescadores portugueses originários da *Póvoa do Varzim*, houve a introdução de novas técnicas produtivas, trazendo consigo as primeiras mudanças significativas nos processos de produção.” (ANJOS *et al.* 2004b, p. 11).

Por iniciativa da Marinha do Brasil, em 4 de janeiro de 1912 instaurou-se a Lei Federal Nº 2.544, a qual, dentre outras determinações, instituiu as Zonas de Pesca (Zs) nas costas litorâneas brasileiras e as colocou sob a tutela do Ministério da Agricultura (FIGUEIRA, 2009, p. 38). Um conjunto de motivações levaram à estratégia de ocupar o território litorâneo nacional com colônias de pescadores, a saber: a organização das cadeias produtivas e os contingentes populacionais associados, a preocupação com a exploração predatória dos recursos marítimos e a própria defesa do território (MALDONADO, 1968 *apud* ANJOS *et al.*, 2004b, p. 13). A concepção era a de que agrupamentos em comunidades costeiras desenvolveriam conhecimentos das regiões litorâneas do país, podendo, assim, serem instrumentos de elaboração e aplicação de estratégias de defesa nacional. (FIGUEIRA, 2009, p. 39)

É nesse contexto que surgiu a Zona de Pesca 3 do Rio Grande do Sul, a qual foi fundada em 29 de junho de 1921 (DELAMARE, 2017, p. 30), e tem como vila-sede a Colônia de Pescadores Z3, uma comunidade de pescadores profissionais artesanais⁵ situada na zona rural do município de Pelotas,

4 Para uma contextualização mais ampla sobre os antecedentes históricos das ocupações costeiras no litoral brasileiro, de um modo geral, e no estuário da Laguna dos Patos, em específico, ver Maldonado (1968), Anjos *et al.* (2004a), Anjos *et al.* (2004b) e Figueira (2009).

5 Pescadores profissionais artesanais são aqueles registrados junto aos Sindicatos de Pescadores e que realizam as atividades da pesca extrativa artesanal, ou seja, dotados de técnicas tradicionais e artesanais passadas de geração em geração (FIGUEIRA, 2009).

junto à Laguna do Patos (ver Figura 1). Embora aquele seja o nome mais conhecido da vila, existem outras designações que resumem o contexto do seu território: a “Colônia de São Pedro”, nome original da comunidade que remonta à identificação com o padroeiro católico ou o “Arroio Sujo”, nome popular correspondente a um dos arroios às margens do qual se assenta a vila.

Figura 1 – Localização da Colônia de Pescadores Z3 dentro da estrutura urbana de Pelotas/RS.



Fonte: software Google Earth, adaptado pelos autores.

Conforme coloca Figueira (2009, p. 39), a ocupação do local se deu a partir da imigração de grupos advindos de diferentes localidades. Compareceram desde os primeiros anos da ocupação populações naturais de Pelotas e de outras cidades do estado como Piratini, Viamão, Rio Grande e Tapes, que fizeram sua morada em pequenas casas de madeira e palha (FIGUEIRA, 2009, p. 39). Foram marcantes para o processo de construção do grupo social e etnocultural existente hoje a imigração de pescadores catarinenses de cidades como Laguna, Itajaí e Florianópolis, que teria ocorrido sobretudo a partir de meados das décadas de 1940 e 1950 (*ibid.*, p. 39). Na década de 1970, houve um numeroso aporte de pessoas que deixaram a Ilha da Feitoria (situada a uma hora a norte de barco da Colônia de Pescadores Z3) para o local, em função da dificuldade no acesso à serviços básicos na ilha (*ibid.*, 39-40). Delamare *et al.* (2015, p. 240) também destacam um movimento bastante significativo, durante a década de 1990, de grupos advindos das zonas urbanas periféricas e rurais de Pelotas para a Z3. Isso teria sido motivado, por um lado, pelo considerável grau de desemprego na cidade em decorrência da crise da indústria de doces em conserva e, por

outro lado, pela sequência de boas safras para a atividade da pesca extrativa (DELAMARE *et al.* 2015, p. 240).

Os dados socioeconômicos levantados nos Censos Demográficos do IBGE (2003; 2011) apontam que, na área referente à vila-sede, a população residente por setores censitários diminuiu de 2.291 pessoas em 2000 para 2.198 em 2010. A mesma dinâmica ocorreu para o percentual de domicílios ocupados que passaram de 87,51% em 2000, para 84,21% em 2010 (IBGE, 2003; 2011). Em contraponto à esses dados, a área ocupada por formas construídas e a expansão da malha urbana do núcleo aumentou significativamente nesse período, como será demonstrado mais adiante. Infere-se que essa discrepância seja explicada pelo perfil sazonal da população local durante os períodos de defeso⁶, principalmente durante a safra do camarão.

No processo de ocupação urbana da Colônia de Pescadores Z3, as dimensões ambiental, política, econômica, social e cultural se mostram claramente imbricadas no espaço. O território compreende a formação e a transformação do núcleo físico-espacial, que têm sido condicionadas, sobretudo, a) pelas características impostas pelo ambiente natural de suporte, b) pelas suas limitações territoriais sociopolíticas e ambientais e c) pelas características e crise do sistema socioeconômico da pesca extrativa artesanal. A localidade é abordada nessa pesquisa pois entende-se que os três aspectos mencionados possuem condicionantes que têm produzido impactos negativos sobre a reprodução da vida social e dos valores culturais e históricos locais. Trata-se de uma comunidade em que ainda se pode observar as relações entre a paisagem natural, a cultura e as identidades históricas e onde a regulamentação urbana oficial ainda não se faz presente. Na sequência, serão caracterizados aspectos correspondentes à cada uma das três dimensões mencionadas e à como elas tornaram a moldar os padrões da ocupação territorial e de transformação dos ambientes urbano e natural.

2 Características do ambiente natural de suporte

A porção de terras que compreende a vila encontra-se em uma zona ambientalmente sensível de interface com a Laguna dos Patos, carente de possibilidades adequadas de expansão territorial. As características geomorfológicas e biogeográficas da costa interna da Laguna, sobretudo nas imediações onde se assenta o núcleo, podem ser categorizadas em diferentes ecossistemas interdependentes com características de dinâmica, fun-

6 Período de defeso é aquele em que a atividade da pesca é controlada ou vetada, de acordo com as épocas de reprodução dos organismos aquáticos.

ções ambientais e capacidades de absorção de impactos bastante específicas. A seguir, dispõe-se a categorização do sistema ecológico contíguo à Z3 segundo o que apontam Faria *et al.* (2013, p. 116-117) e Delamare *et al.* (2015, p. 243-244):

a) As faixas de praia estendem-se paralelamente à linha de orla e são cobertas por areia litorânea com presença de conchas marinhas em processo ameno de variação de largura, com sedimentações em alguns pontos e erosões em outros.

b) Sucedendo essas áreas, existem zonas de banhado que se estendem entre as areias e as dunas. Essas superfícies são periodicamente inundadas e têm sua dinâmica influenciada pela sazonalidade das chuvas e pelas variações de nível da lagoa e dos cursos d'água que nela desembocam.

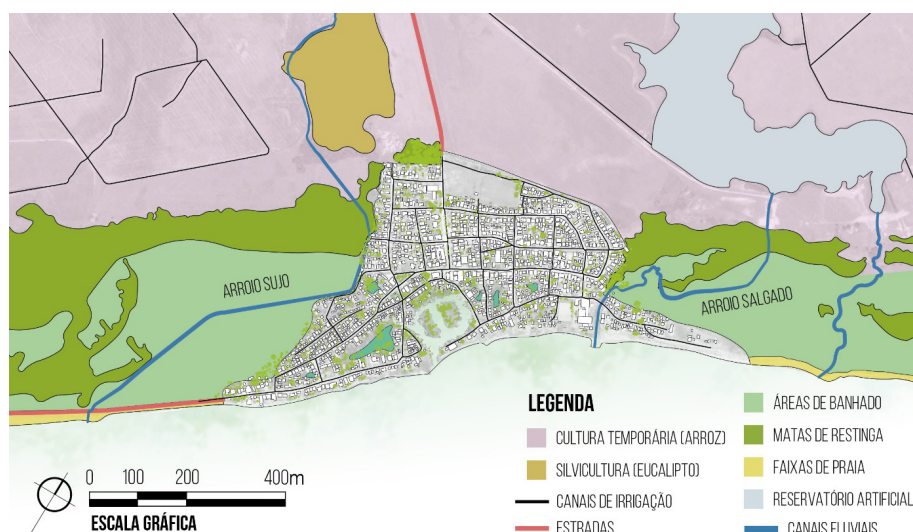
c) A área de dunas subsequente possui perfil inclinado em direção à lagoa, cuja estruturação física é fixada por matas de restinga com vegetação arbórea típica do litoral gaúcho. Estas últimas estão em processo de enriquecimento e diversificação e de expansão territorial no sentido sudoeste-nordeste e se estendem, a sudoeste, próximas à faixa de praia.

d) Para além do mato nativo se estendem, até a Serra do Sudeste, os campos litorâneos em maior altitude, com solos em condições de umidade mais baixas e sem variações significativas nos níveis topográficos. Os campos são mais predominantemente utilizados para a cultura de arroz irrigado, a silvicultura e a pecuária bovina.

e) Além disso, a vila é intermediada por dois canais fluviais: o Arroio Sujo, a sudoeste e o Arroio Salgado a nordeste.

Como demonstra o Mosaico Urbano-Ambiental produzido para a situação de 2018 (Figura 2), a quase totalidade do território do núcleo fica sobre áreas correspondentes às dunas fixadas por matas de restinga, aos banhados e às faixas de praia e adjacentes ou entrecortadas pelos canais fluviais.

Figura 2 – Mosaico Urbano-Ambiental de 2018 da Colônia de Pescadores Z3.



Fonte: os autores.

3 Limitações territoriais sociopolíticas e ambientais

O núcleo urbano da Colônia de Pescadores Z3 surgiu com a ocupação irregular da área adjacente à lagoa, dentro dos limites de uma propriedade rural. A posse de terras da comunidade foi regularizada somente em 1965 através de um acordo entre o proprietário e o Sindicato de Pescadores de Pelotas, ficando definido o território pertencente à comunidade, entre os dois arroios (FARIA *et al.*, 2013, p. 118).

O tipo de regularização realizada incitou uma conjectura societal e política, vigente até hoje, em que a administração local e o acesso à terra são predominantemente intermediados pelo Sindicato, o qual é composto pelos próprios residentes da vila. Portanto, a organização político-jurídica se dá, em grande parte, através de processos de posse coletiva, autogestão comunitária e ocupação informal do território. A regulamentação urbana oficial ainda não se faz presente e a Prefeitura de Pelotas, que reconhece a comunidade, tem contemplado apenas algumas demandas mais localizadas, como o atendimento paliativo de problemas de infraestrutura vinculados à enchentes, por exemplo.

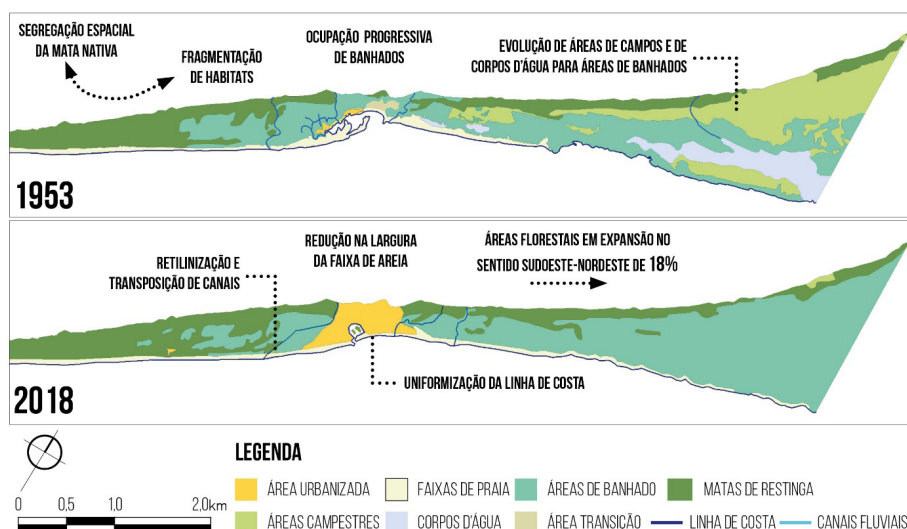
A demarcação atual do limite territorial da comunidade a noroeste, resultante do acordo entre o Sindicato e o proprietário, é desenhado por um cercado de madeira para além do qual se estende a propriedade voltada à agricultura, silvicultura e pecuária. Os proprietários, a princípio, não

possuem interesse em vender parcelas de suas terras, de forma a possibilitar oportunidades qualificadas para a expansão territorial do assentamento. Dessa forma, as possibilidades de expansão urbana ficaram restritas às invasões em áreas inundáveis e não aproveitáveis junto à orla, que não são objeto de fiscalização por parte dos proprietários. Dos impedimentos político-jurídicos à expansão territorial do núcleo resultou uma dinâmica de crescimento interno que tem sido pautada pela ocupação cada vez mais densa da área disponível, hostilizando as funções ambientais e a capacidade resiliente dos ecossistemas costeiros.

A ocupação das faixas de areia com demarcação de lotes, além de comprometerem a função do ecossistema, estabelecem o bloqueio do acesso público à orla. Na faixa de banhados, a criação de quadras fragmenta sua continuidade, mantendo os diferentes corpos inundados ilhados entre si, com exceção do banhado central, o qual foi aberto para a lagoa para possibilitar a criação do atracadouro. Esse padrão de ocupação ocasiona a interrupção das funções ambientais do ecossistema, o surgimento de problemas de saneamento e a oportunização de alojamentos no ambiente urbano. Quanto à faixa de dunas, a sua excessiva densificação é precedida pela remoção sistemática de vegetação arbórea junto ao núcleo, interrompendo a continuidade espacial da mata e a manutenção da flora nativa e da fauna silvestre associada. Esse fator também hostiliza a infraestrutura de suporte da área urbanizada, já que a vegetação previne a ocorrência de erosões e deslizamentos das dunas.

Na Figura 3, encontra-se um mapeamento de uso da terra e hidrografia em dois tempos (1953 e 2010). A partir desses mapas é possível identificar a trajetória dos principais elementos naturais e de como foram transformados, seja pela ação antrópica, seja pela sucessão natural dos ambientes. Fica evidente que, em sua trajetória dinâmica, a urbanização tem se mostrado como um impeditivo para a manutenção das funções ambientais dos ecossistemas, impedindo a continuidade espacial dos banhados e da mata nativa em expansão e motivando o aterro, a transposição e a retificação dos canais fluviais, dentre outros aspectos já mencionados.

Figura 3 – Mapas de uso da terra e hidrografia da Colônia de Pescadores Z3.



Fonte: adaptado de Delamare *et al.* (2015, p. 242).

Além desses fatores, a lógica espacial de organização da pesca extrativa artesanal molda a dinâmica urbana e a ocupação do território pelo fato de que o grupo social necessita manter-se o mais próximo o possível da orla, buscando a minimização das distâncias entre a Laguna e suas atividades de beneficiamento e comercialização do pescado. As limitações territoriais de cunho sociopolítico e as condições de proximidade com a orla impostas pelas atividades econômicas podem ser identificadas como corresponsáveis pela pressão desempenhada pelo sistema urbano sobre os ecossistemas costeiros. A ausência de áreas apropriadas para a expansão territorial resulta em aspectos como a alteração desordenada da paisagem urbana, a densificação excessiva e a coabitação familiar consequente do déficit habitacional. Essa última situação fica evidente na dinâmica de crescimento interno, na qual uma das únicas possibilidades que restam aos moradores é a densificação para dentro das áreas dos quarteirões existentes. A lógica de ocupação averiguada tem sido, cada vez mais, a da construção de várias casas dentro do mesmo lote e a de abrir pequenas vielas dentro dos quarteirões originais para o acesso à unidades nos fundos dos lotes.

4 Características e limitações do sistema socioeconômico local

A atividade da pesca extrativa permeia toda a dinâmica econômica da Colônia Z3. A grande maioria da população ocupada se utiliza dela para o seu sustento, seja de forma direta ou por meio do beneficiamento

do pescado. Como resultado, a atividade desdobra seus efeitos para o contexto social, pois mesmo com o surgimento de tecnologias para captura em massa, os pescadores ainda se utilizam das técnicas artesanais geracionais, diferenciando seus métodos daqueles da pesca industrial.

As atividades produtivas no local, no entanto, tem percebido entraves à sua reprodução. Nas últimas duas décadas, a extração pesqueira artesanal no estuário da Laguna dos Patos vem sofrendo um sério declínio, pois os volumes capturados têm vindo a alcançar valores muito baixos. A necessidade de respeitar os períodos de defeso, a redução dos volumes de peixe entrando na Laguna em decorrência da pesca industrial e de outros problemas ambientais, bem como o próprio crescimento populacional da vila são obstáculos à sustentabilidade do sistema socioeconômico vigente, tornando a implicar no empobrecimento da comunidade. Sobre esse cenário de crise, Anjos *et al.* (2004b, p. 12) colocam:

Em 1989, surge o IBAMA pela lei nº 7.735 de 22 de fevereiro, com o objetivo de solucionar os problemas ambientais que a expansão da atividade trouxe consigo. O Estado passa a definir políticas com base no “desenvolvimento sustentável”, incorporando uma série de restrições que afetam diretamente os pescadores artesanais: maior rigor quanto ao período de defeso, limite mínimo de comprimento e peso dos peixes, restrições sobre aparelhos de pesca, etc. O que cabe destacar é que a fiscalização concentra sua atuação próxima à costa, onde ocorre o trabalho dos pescadores artesanais, já que a fiscalização em oceano gera um custo maior, o que, mais uma vez, acabou sempre por beneficiar a pesca de grande porte, principal responsável pelos desequilíbrios ambientais gerados. (ANJOS *et al.*, 2004b, p. 12)

A pesquisa de Figueira (2009, p. 71-72) aponta diversas situações associadas à crise da pesca extrativa artesanal no quadro social da Z3, como o desenvolvimento de estados depressivos e de baixa-autoestima dos moradores (sobretudo das mulheres) e as ocorrências de casos de violência doméstica, de tráfico de drogas e de dependência química. Essa situação implica, inclusive, no desinteresse de parte da população, principalmente dos mais jovens, pelas práticas culturais tradicionais e pelos saberes populares geracionais (FIGUEIRA, 2009, p. 13), ou seja, pela especificidade do seu ambiente cultural. No item 6, mais detalhes serão demonstrados sobre a questão cultural.

5 Evolução urbana: transformações e permanências sobre o território

Nesta seção do trabalho, maior destaque é atribuído à demonstração da história da ocupação do território físico e das implicações ambientais, sociopolíticas e socioeconômicas (discutidas nos itens anteriores) sobre a dinâmica de transformação dos ambientes natural e urbano. Uma avaliação da trajetória da evolução urbana do núcleo urbanizado da Colônia de Pescadores Z3 foi realizada através da confecção e análise de um conjunto de mapeamentos da vila em diferentes estágios ao longo do tempo, de acordo com o material ao qual se obteve acesso: imagens aéreas de 1953 e 1965, aerofotogrametrias de 1980 e 1995, e mapas de satélite de 2010 e 2018 (Figura 4).

Figura 4 – Conjunto de mapeamentos da Colônia de Pescadores Z3:

- a) fotografia aérea de 1953; b) fotografia aérea de 1965;
c) aerofotogrametria de 1980; d) aerofotogrametria de 1995;
e) mapa de satélite de 2010 e f) mapa de satélite de 2018.



Fonte: a) e b) acervo da Agência Lagoa Mirim – UFPEl; c) e d) acervo da Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana da Prefeitura Municipal de Pelotas; e) e f) obtidos através do software Google Earth.

Em um primeiro momento, foi feito um levantamento do sítio físico encontrado em 2018, no qual foram mapeados os diferentes elementos da estrutura urbana (formas construídas, limites dos lotes e quadras, sistema viário e vegetação alta). A partir desse levantamento foram sobrepostos os mapas dos anos anteriores e removidas as edificações que, em cada um dos estágios temporais, ainda não haviam sido construídas. Somente a partir da aerofotogrametria de 1980 foi possível visualizar com precisão as formas construídas e o sistema viário. Por isso, a base temporal utilizada para a análise compreendeu os seguintes anos: 1980, 1995, 2010 e 2018, mantendo-se um intervalo constante de quinze anos entre os três primeiros estágios e completando-se a avaliação com o levantamento de 2018. Os mapeamentos resultantes estão resumidos na Figura 5, onde são apresentadas, para cada estágio, as áreas ocupadas por formas construídas e a taxa de ocupação dos quarteirões. Destaca-se que os cálculos das taxas de ocupação foram feitos a partir da base espacial de 2018 em relação às anteriores, para que fosse possível fazer a comparação. Na sequência, será apresentado um resumo dos aspectos históricos vinculados às transformações e permanências geográficas no processo de ocupação do território na Colônia de Pescadores Z3.

5.1 Período 1953-1980

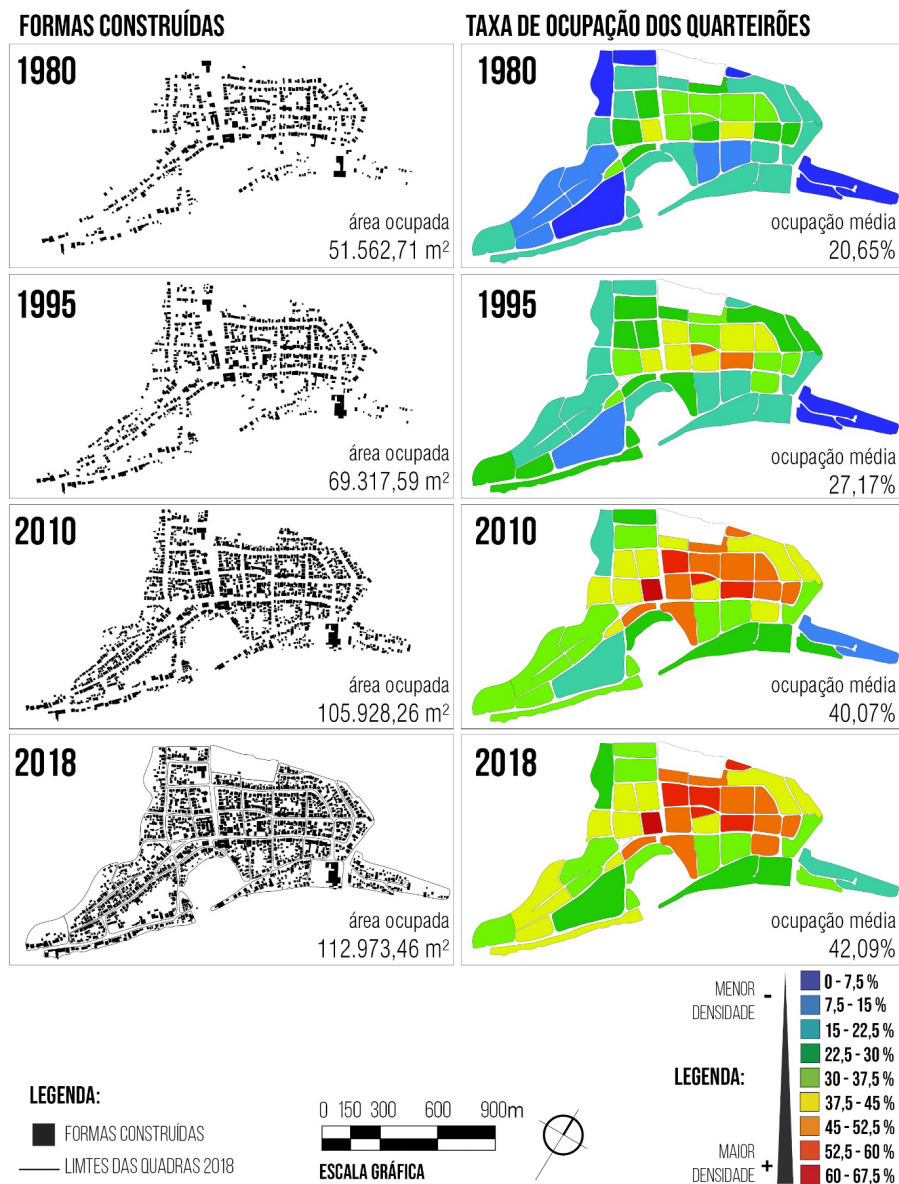
O mapa da configuração das formas construídas de 1980 demonstra que a maior parte das edificações ficava na parte mais alta, apoiando-se sobre a faixa de dunas fixadas. Pode-se inferir que a construção era mais facilitada nessa área pela regularidade observada no traçado viário. Através do mapa de 1953 constante na Figura 4, pode-se identificar que essa área seria correspondente ao princípio do assentamento.

Na situação averiguada em 1980, a forma construída localizada na extremidade noroeste ainda era o Santuário de Nossa Sra. de Navegantes, uma pequena igreja construída coletivamente na década de sessenta pelos moradores da vila e com recursos doados por eles. Seguindo a tradição portuguesa, a igreja foi construída no topo da duna, tangenciando a principal via do assentamento e no ponto mais alto e de maior visibilidade possível.

Foi somente em 1978 que foi aberta, sobre a faixa de praia, a atual estrada de acesso à vila (FARIA *et al.*, 2013, p. 125), pela extremidade sudoeste, a qual percorre grande parte da orla, desde o Balneário dos Prazeres, passando pela praia do Totó. Esta foi aberta para substituir a outra estrada que vinha do bairro Areal, passando pelos campos litorâneos, mais afastada da lagoa. A degradação e a carência de manutenção da ponte sobre o Arroio Cotovelo (por onde passava a antiga estrada) e o interesse dos moradores

da Z3 em ter um acesso à vila direto pela orla, onde estavam localizadas as peixarias, salgas e galpões, parecem ter constituído motivações para a troca.

Figura 5 – Evolução das formas construídas urbanas e das taxas de ocupação dos quarteirões.



Fonte: os autores.

Na aerofotogrametria de 1980 fica bastante evidente a orientação horizontal e a continuidade da faixa de banhados que divide uma ocupação mais voltada à atividade pesqueira junto à faixa de praia e uma outra ocupação mais consolidada acima, sobre a faixa de dunas, voltada à habitação. Já nesse ano é possível perceber a irregularidade do desenho dos caminhos sobre a faixa de banhados que conecta as duas áreas. A ocupação sobre áreas de banhado parece ficar restrita ao longo da via orientada do centro urbano em direção à orla a sudoeste, onde se localizam as peixarias e salgas e o novo acesso. Os dois arroios dentre os quais se situa a vila, nessa época, possuíam o desenho de seu curso natural meandroso se aproximando do assentamento (ver Figura 4). A taxa média de ocupação dos quarteirões nessa época era de 20,65%, com uma área total de 51.562,71 m² ocupada com as edificações.

5.2 Período 1980-1995

O processo de densificação do solo ocupado no centro urbano, na área mais alta, e de consolidação dos quarteirões nessa mesma área fica bastante evidente quando se compara as realidades de 1980 e 1995, com o início da ocupação do limite a noroeste. Houve nesse período o incremento de formas edificadas em todas as áreas, sobretudo na faixa de banhados próxima da orla. O incremento de áreas ocupadas por construções é relativamente baixo, com uma ocupação média dos quarteirões passando para 27,17%.

Ainda que o banhado central pareça ter permanecido conservado, nota-se um acréscimo bastante significativo de construções e consolidação dos quarteirões sobre os banhados a leste dele. Ademais, fica evidente, na aerofotogrametria de 1995, a relação direta entre o avanço da ocupação sobre o banhado a sudoeste, em direção ao Arroio Sujo, e a transposição e retificação de sua morfologia original, para desembocar na lagoa em um ponto mais distante da vila, possibilitando a expansão do núcleo no sentido centro-sudoeste. A concentração de atividades socioeconômicas vinculadas à pesca, ao beneficiamento e à comercialização do pescado nessa área, bem como a abertura da nova estrada junto à orla são fatores motivadores desse padrão de ocupação do território.

5.3 Período 1995-2010

Na situação averiguada em 2010, observa-se que houve um incremento considerável na densidade de ocupação por formas construídas desde o ano de 1995. A taxa de ocupação média dos quarteirões sobe para

40,07%, praticamente o dobro do que foi averiguado em 1980. Isso pode ser explicado pela sequência de boas safras da produção pesqueira no estuário da Laguna dos Patos dos anos noventa e nas taxas de desemprego nas áreas centrais da cidade que motivaram a migração de muitas pessoas interessadas viver da atividade da pesca.

Foi em meados dos anos 2000 que foi aberta a Divinéia, o atracadouro-baía aberto no banhado central da vila. O nome foi adotado carinhosamente pela população como referência à uma novela que estava ao ar na época. A motivação para a abertura tem a ver com o fato de que, até então, os barcos eram atracados em estacas de madeira em “laguna-aberta”, ficando à deriva de situações climáticas muitas vezes indesejadas e perigosas (FIGUEIRA, 2009, p. 82) como ventanias e rebojos. Essas situações foram contornadas com a possibilidade de se conservar as embarcações no atracadouro. Essa ação antrópica, em conjunto com as outras alterações do ambiente natural, constituiu-se como um problema para a morfodinâmica da linha de costa (DELAMARE *et al.*, 2015, p. 247), implicando em prejuízos para os ecossistemas locais e para as situações de alagamento já recorrentes no local.

No intervalo entre 1995 e 2010, prosseguiram e foram reforçadas as dinâmicas observadas no intervalo temporal anterior. Observa-se que no cenário de 2010, consolidou-se a ocupação junto ao Arroio Sujo a sudoeste e na faixa de areia da Praia do Junquinho a nordeste. Além disso, torna-se aparentemente massiva a densificação dos quarteirões na parte mais alta, sobre as dunas fixadas.

5.4 Período 2010-2018

Entre 2010 e 2018, prosseguiram as dinâmicas observadas no intervalo temporal anterior. Maior destaque é atribuído às construções se estendendo cada vez mais a nordeste, sobre a faixa de areia da Praia do Junquinho, muito próximas à orla. A imagem de satélite de 2018 demonstra que essa área, provavelmente por ainda não possuir uma ocupação consolidada, ainda possui uma faixa de areia relativamente larga. Nas demais áreas, sobretudo na metade sul em relação à Divinéia, observa-se uma ocupação progressiva das faixas de areia, diminuindo sua largura, bem como uma tendência na demarcação de lotes individuais, interrompendo o acesso físico e visual à lagoa.

Ainda que esse último intervalo seja temporalmente incongruente com os anteriores, o incremento das taxas de ocupação dos quarteirões já se mostram bem menores em relação aos períodos anteriores. Não é inten-

ção desse artigo estabelecer relações de causalidade entre os fatos, mas a partir dos levantamentos realizados se pode traçar a consideração de que as problemáticas socioeconômicas e territoriais tem resultado em impactos bastante significativos sobre o perfil demográfico da comunidade. O mesmo parece estar acontecendo para o ambiente cultural, fator esse que será alvo da próxima seção.

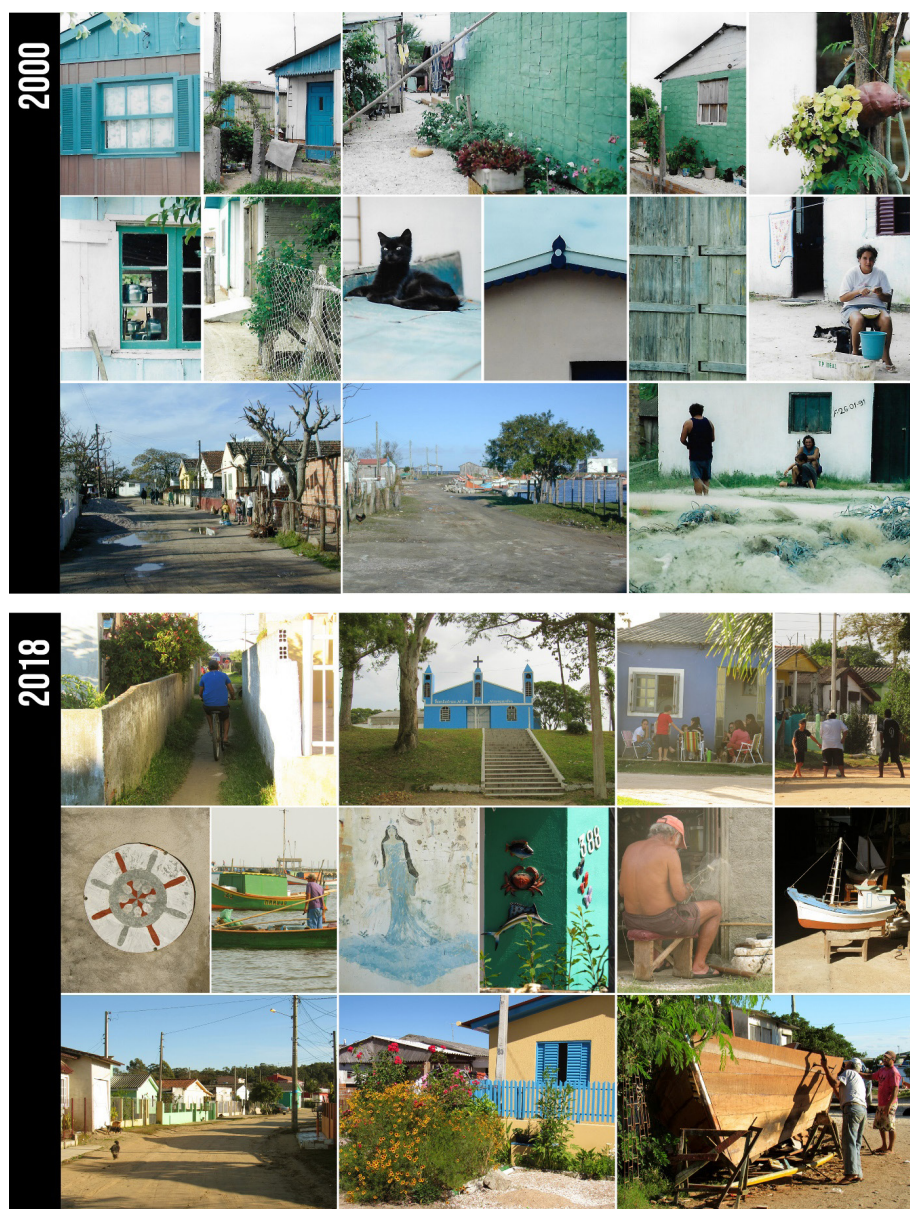
6 O ambiente cultural e paisagístico, suas transformações e permanências

Da intensa vinculação entre a atividade pesqueira, essencialmente vinculada às características e feições do meio ambiente natural, e a reprodução da vida social da comunidade surgem atributos culturais e estéticos muito específicos. O ambiente cultural é baseado em um conjunto de saberes-fazer populares que vão desde as técnicas de carpintaria naval e construtivas artesanais, passando pelos eventos do cotidiano e os modos de apropriação do espaço pelas pessoas até as preferências decorativas, retratando motivos aquáticos e náuticos, e o uso de cores intensas e combinações cromáticas contrastantes, incluindo os barcos, as casas, a vegetação plantada e o vestuário da população. Na Figura 6, são organizados dois levantamentos fotográficos, um referente à 2000 e o outro à 2018, a partir dos quais se pode inferir sobre aspectos culturais e estéticos que permanecem e se transformam na paisagem.

A população tem apreço por um estilo de construção simples, porém, bem trabalhado. As casas de lata, hoje já inexistentes, são um retrato disso. As habilidades de carpintaria naval artesanal são também empregadas na construção das casas e galpões. Além das técnicas construtivas em madeira, lembrando a tradicionalidade da construção de embarcações, surgem elementos decorativos como lambrequins, mostrando o orgulho dessa habilidade. São recorrentes os vitrais coloridos e outras peças relacionadas ao elemento água, retratando peixes, garças, insetos, timões, etc.

Nos espaços que delimitam o público e o privado aparecem os pequenos alpendres para abrigar os afazeres cotidianos, a pavimentação do entorno das casas com conchas marinhas, pequenas cercas coloridas e muitos arbustos floridos e flores. Esse saber-florir e esse saber-decorar podem ser identificados nos entornos imediatos das edificações, em relação aos quais fica aparente o entusiasmo das pessoas em construir os símbolos do lugar. É entendido que estes componentes estéticos, refletidos nas preferências ambientais das pessoas, são fortemente regidos pelos seus saberes-fazer populares.

**Figura 6 – Conjuntos de imagens relacionadas
ao ambiente cultural da Z3 dos anos 2000 e 2018.**



Fonte: os autores.

Merece destaque a questão da similaridade entre sistemas de reprodução do trabalho da agricultura familiar e da pesca extrativa artesanal, de modo que toda a família é envolvida no sistema de produção (ANJOS *et al.*, 2004a, 26). Isso implica, dentre outros fatores, na divisão do trabalho por gênero, resultando em modos específicos de apropriação do espaço urbano pela população. O homem tende a realizar os trabalhos voltados aos barcos e a pesca, permanecendo, portanto, mais nos espaços junto à orla. A mulher tende a assumir os trabalhos vinculados à limpeza e beneficiamento do pescado, ocupando normalmente os espaços mais próximos ao espaço doméstico. Essa divisão torna a condicionar a definição de territorialidades diversas dentro do espaço urbano, os quais abarcam diferentes tipos de grupos e de atividades.

A comunidade se apropria dos espaços de rua para desenvolver atividades relacionadas à pesca como o conserto e a confecção de redes, a construção de barcos, a limpeza e beneficiamento dos pescados e a secagem do peixe ao sol. São comuns as aglomerações em rodas de conversa nos barcos, junto ao atracadouro central e à frente das casas. Comparecem também as brincadeiras infantis, o lazer da população nas ruas e na lagoa e a presença recorrente dos animais de estimação, e dos silvestres, associados aos ecossistemas lagunares.

O imaginário local tem muita referência com a religiosidade simbolizada pelo sincretismo religioso, de modo que o espaço urbano é tomado de elementos estéticos representativos da crença católica, principalmente, e também das religiões de matriz africana. Daí resultam as tradicionais festas populares, que ocorrem em variadas datas durante o ano, como a Festa do Peixe e do Camarão, o Festival de Cultura da Colônia Z3, e as festas dedicadas a São Pedro e a Nossa Sra. de Navegantes.

A morfologia da ocupação urbana, constituída por um crescimento urbano não planejado, se caracteriza por um traçado sinuoso, principalmente nas bordas do assentamento. A branda sinuosidade do traçado é responsável pelos padrões visuais e perceptivos oferecidos pela paisagem urbana, composta de visuais fechadas pelos elementos construídos à médias distâncias (ver Figura 6). Esses padrões visuais foram sendo constituídos no processo histórico de ocupação espontânea do território e é possível identificar que a organicidade do traçado urbano tendeu a um recrudescimento à medida que se aproximou mais das áreas naturais de mais difícil ocupação, como é o exemplo dos banhados da zona sudoeste.

As tipologias edículas são preponderantemente vinculadas à escala residencial e comercial de pequeno porte. Elas se caracterizam pela predominância de edificações térreas, com telhados aparentes em duas águas e frontão paralelo à testada do lote, com pequenos alpendres para o aces-

so principal. Comparecem também os galpões de madeira ou de alvenaria com ou sem revestimento, sobretudo na zona de orla, em diferentes alturas, a depender do porte das embarcações e instrumentos armazenados.

Entre 2000 e 2018, o aumento da população acarretou também no incremento do número de edificações por lote e das áreas totais ocupadas pelos estoques edificados, adensando os elementos antrópicos da paisagem. No entanto, identificou-se que esse incremento não alterou significativamente a estrutura da paisagem (ver Figura 7) pelo fato de que as novas construções tenderam à serem implantadas nos fundos dos lotes e por não ter havido alteração substancial da tipologia edilícia. Como foi visto, observou-se também uma nova tendência de demarcação de limites de lotes com cercados na zona de orla, o que tem constituído as longas faixas com o acesso público à orla impedido.

Figura 7 – Conjuntos de imagens relacionadas à estrutura da paisagem da Z3 dos anos 2000 e 2018. Acima, a panorâmica visual da orla para ambos os anos e abaixo, uma ampliação das imagens.



Fonte: os autores.

Ainda que tenha sido observada a transformação e o desaparecimento de alguns elementos no período entre 2000 e 2018, os principais atributos de ordem estética e cultural que caracterizam o grupo social, sejam eles materiais ou imateriais, parecem ter permanecido. Permanecem a reprodução dos saberes-fazeres artesanais na paisagem, a maioria dos elementos vinculados às preferências decorativas, os modos tradicionais de apropriação do espaço urbano pelas pessoas, bem como os principais atributos morfológicos e tipológicos do tecido urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vésperas do centenário da Colônia de Pescadores Z3, espera-se que este trabalho possa ter contribuído para visibilizar um pouco da história geográfica da comunidade e as situações nas quais se encontra. A partir da produção e compilação de informações a respeito da história geográfica da localidade, foram pontuados e conectados eventos do processo histórico de ocupação do território, priorizando-se aspectos ambientais, políticos, econômicos e sociais e culturais.

Por um lado, a comunidade se constitui de uma riqueza etnocultural, simbolizada pelas influências gaúchas, catarinenses e portuguesas, pela sua paisagem de elementos baseados nos saberes-fazer populares geracionais, pelas preferências decorativas artesanais e pelas tradições e técnicas vinculadas à pesca artesanal, as quais têm permanecido presentes na paisagem. Por outro, ela sofre com a crise da pesca no campo econômico e com a crise habitacional e socioambiental decorrentes das limitações sociopolíticas do seu território.

A maior preocupação sinalizada nessa pesquisa se refere às problemáticas de ordem ambiental, política, habitacional e socioeconômica que, para além das influências perversas que exercem sobre o território, também podem estar produzindo impactos preocupantes sobre o ambiente cultural, e, conseqüentemente, sobre a valorização da cultura e sobre a reprodução do tecido social. A população tem buscado, de diversas formas, resistir à essa situação, o que tem possibilitado a permanência da maioria dos elementos culturais e estéticos da paisagem.

No entanto, é entendido que a manutenção e a continuidade dos modos de vida tradicionais e das tipicidades culturais e estéticas da comunidade, frente às situações discutidas, constituem-se como uma necessidade no planejamento territorial. Acredita-se que o poder público poderia desempenhar um papel mais eficiente nesse aspecto, mediando as relações entre os diferentes atores envolvidos e buscando alternativas ao quadro problemático.

Por fim, o estudo evidencia a importância da pesquisa histórico-geográfica aplicada ao território, à paisagem e ao planejamento territorial. Como se pressupunha, a partir da compreensão das transformações e permanências naturais e humanas no processo histórico de ocupação do território e de produção de identidades estéticas e culturais sobre a paisagem, foi possível traçar um conjunto de considerações quanto ao passado e ao presente, as quais estão operando sistematicamente para a produção do futuro.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Flávio Sacco dos, *et al.* Pluriatividade e pesca artesanal: o caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS. *Revista Sociedade em Debate*, v. 10, n. 3, p. 9-42, 2004a.
- ANJOS, Flávio Sacco dos, *et al.* Pesca artesanal e pluriatividade: o caso da colônia Z3 em Pelotas, RS. In: II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, UNISC. *Anais eletrônicos*. Santa Cruz do Sul, 2004b, p 1-25. Disponível em: <https://www.unisc.br/site/sidr/2004/urbano/08.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- DELAMARE, Tatiane Oliveira, *et al.* Dinâmica de uso da terra e alterações na linha de costa lagunar: estudo em uma Colônia de Pescadores de Pelotas, RS, Brasil. *Revista de Gestão Costeira Integrada*. v. 15, n. 2, p. 237-248, 2015.
- DELAMARE, Tatiane Oliveira. *Zoneamento Geoambiental da Colônia Z3 - 2º distrito de Pelotas (RS)*. 2017. 127 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- FARIA, Ana Paula Neto de, *et al.* Planejamento integrado: conexão espacial e visual entre a paisagem natural e urbana. In: ROCHA, Eduardo *et al.* [Entre]Cruzamentos: ensaios sobre a cidade na contemporaneidade. Pelotas: Ed. Universitária da UFPel, 2013, p. 115-136.
- FIGUEIRA, Michel Constantino. *Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS: da crise na pesca à expansão do turismo com base no patrimônio cultural*. 2009. 157p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciência Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2000*. Resultados do Universo Agregados por Setor Censitário. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2003. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso: 12 novembro 2020.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010*. Resultados do Universo Agregados por Setor Censitário. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2011. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso: 12 novembro 2020.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986.
- MASSEY, Doreen Barbara. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

- NETTO, Maria Manoela Gimmmler, *et al.* Bases conceituais da escola inglesa de morfologia urbana. *Paisagem e Ambiente*, n. 33, p. 29-48, 2014.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. *Espacio y Metodo*. Barcelona: Geocrítica, 1986.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: INÁ, Elias de Castro; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia. Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

Recebido em 08/09/2020

Aprovado em 11/12/2020